

## Apresentação

Pedro Paulo Gomes Pereira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PEREIRA, P.P.G. Apresentação. In: ALVES, Y.D.D. *Jamais fomos zumbis: contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo* [online]. Salvador: Edufba: Cetad, 2017, pp. 23-26. Drogas: clínica e cultura collection. ISBN: 978-85-232-1859-1. <https://doi.org/10.7476/9788523218591.0002>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

### Corpos intensivos, crack e etnografia

Quem anda pela região central de São Paulo pode se deparar com uma paisagem caracterizada por centenas de usuários de crack, esparramados entre ruas e edifícios antigos, entre barracas de plásticos pretos e guarda-sóis, compondo um espaço denominado de Cracolândia. A quantidade de pessoas e a acentuada movimentação pelo centro e pelas imediações surpreendem os olhares dos que por lá circulam e têm chamado atenção dos órgãos do governo, de Organizações Não Governamentais (ONGs), de instituições religiosas e da mídia. Os corpos geralmente magros, sujos, intensivos desafiam as políticas públicas e interpelam a população com sua presença no meio de uma das maiores cidades do mundo.

A propósito desse agrupamento, toda uma sorte de conjecturas e de especulações metafísicas foi formulada: Por que tamanha quantidade de corpos inconformes em região tão central na cidade? Como acabar com o tráfico e comércio de drogas tornadas ilícitas? Surgem, inclusive, especulações nada humanistas, como: de que maneira “limpar” uma área que deveria ser “nobre”? Como extirpar essa “parte indesejável” da população? Assim, essas conjecturas e especulações revelam também uma faceta da sensibilidade contemporânea. Nesse âmbito, não é incomum práticas violentas na lida cotidiana com esses corpos indesejáveis.

Diante dessas e de outras perguntas, *experts* são chamados a formular políticas e a dar explicações. E os discursos circulam: de certo tipo de profissional de saúde bem-intencionado, que sabe antecipadamente o que esses corpos precários precisam e que não hesita em repassar suas “práticas de prevenção” com superioridade; de professorxs a discorrerem sobre “riscos” e a alertarem sobre os perigos do consumo de drogas; de par-

te da mídia que demoniza os “craqueiros”, exultando inclusive práticas repressivas; e por aí vai. Mas, evidentemente, aparecem nesse turbilhão de agentes interessados nos usuários de crack, políticas mais ou menos efetivas e sujeitos mais ou menos envolvidos e afetados por essa realidade.

É sobre esse contexto complexo que Ygor Diego Delgado Alves se volta em *Jamais fomos zumbis*, agora lançado pela Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA). Ygor fez seu trabalho de campo numa “biqueira” com fumódromo (em dois locais, um fechado e outro aberto) e na Cracolândia. O autor foi se achegando aos usuários de crack, e neles, descobriu muito mais do que a imagem comum, veiculada na grande mídia e mesmo por pesquisadores, de mortos vivos, de pessoas sem vontade e exclusivamente imersas no consumo de crack.

O autor deste livro enfrentou os desafios de uma pesquisa etnográfica nessa paisagem, abordando os dilemas do investigador diretamente envolvido e implicado nesse contexto. Seu movimento foi o de se aproximar dos usuários de crack sem se apresentar como “reduzidor de danos”, sempre evitando se colocar como aquele que já sabe de partida os males dos corpos e almas com os quais conviveu na pesquisa etnográfica. Num de seus capítulos mais densos, por exemplo, o autor descreve os materiais usados para o consumo de crack, com atenção para o cachimbo. Ele narra com detalhes as técnicas de consumo de crack, as maneiras de se alcançar um “bom trago”; disserta sobre a roda de crack e sobre o fumódromo; delineando sua hierarquia e seus personagens principais; entra no “circuito da treta” e mostra como essa “parafernália” que tem no cachimbo seu mais complexo e instigante componente. Ygor vai revelando como o cachimbo é um mediador afeito das intervenções dos usuários e fruto de sua criatividade nas ações contínuas de reconstruí-lo na deriva do uso da pedra. Corpo e cachimbo são reconstruídos nesse processo. Como se aquela visão do zumbi fosse contrastada por outra, a de homens e mulheres que não

vivem subsumidos exclusivamente num mundo de alienação e fora de si: as manufaturas no cachimbo revelam a capacidade de criação e de expressão desses corpos e almas.

A rua torna-se espaço de relações das pessoas que usam crack. O fluxo de pessoas e sua junção em espaço concentrado é uma das estratégias de enfrentar as duras noites do centro de São Paulo. A associação é fundamental, e estar com outros usuários de crack, outros “parças”, condição mesma de estar na rua.

Além disso, o autor deste livro, imerso no dia a dia dos usuários de crack, pôde perceber suas variações corporais entre vigília e sono, e compreendeu como estes estados se misturam. O estado de sono ou a mescla de sono e vigília são partes da totalidade do ciclo de uso. O “estigma” do zumbi toma, portanto, a parte pelo todo e não dá conta da complexidade das diversas formas de relação com a droga. No decorrer do livro, o autor não deixa nunca de se posicionar, de indicar como “falácias” argumentações que se afastam do que ele encontrava em campo. Um exemplo de engano (enormemente propalado) que ele localizou e a ele se contrapôs foi a ideia de que a experimentação do crack levaria à imediata compulsão e de que esta forma de uso seria a única possível.

Como se nota, Ygor faz referência a um livro de Bruno Latour logo no título, evocando: “Nous n’avons jamais été modernes” (Jamais fomos modernos), e coloca na boca dos usuários: “Jamais fomos zumbis”. Esse diálogo com Latour está por todo o livro, e na busca de seguir o movimento teórico latouriano, descreve humanos e não-humanos, assinalando o cachimbo como um “mediador” e se vale de termos como “artefatos”, “não-humanos”, “mediadores” e “teoria ator rede”. Se seu vocabulário teórico parte de Latour, também aparecem em sua narrativa expressões como: “nativo”, “êmico”, etc., e de conceitos como “estigma” e “communitas”. A intenção é fazer dialogar teorias.

Todavia, como pensar com Latour abordando justamente esses corpos à deriva no centro urbano? Latour fora incisivo em defender uma antropologia do centro, sustentando que quando fazíamos antropologia dos “outros”, buscávamos os seus aspectos principais e centrais, mas quando realizávamos uma antropologia de nós mesmos, geralmente nos dedicávamos aos aspectos marginais de nossa sociedade. Ygor mostra, então, que os corpos precários dos usuários de crack mobilizam aparatos significativos do Estado, movimentavam cientistas de todo tipo, profissionais de saúde e instituições religiosas. De forma que, pesquisar na Cracolândia era se imiscuir na própria “matéria vertente”: ciência, Estado e religião, e agir sobre as vidas que impõe sua presença no cenário urbano da intrincada cidade de São Paulo.

No final do livro, o leitor poderá perceber que o “vai e vem” de vocabulário e de conceitos, as interações entre teorias, são importantes, mas que a maior contribuição de Ygor – o autor deste livro – provavelmente está na forma com que ele se aproxima de seus interlocutores e que se coloca no campo, na maneira como é muitas vezes levado e afetado por esses corpos intensivos. É justamente por esse movimento e pelo envolvimento com seus interlocutores que consegue enxergar, sem ser condescendente e sem deixar de assinalar a gravidade da situação, potência onde outrxs só viam “riscos”, “deficiências”, “pânico”. Esse movimento que o permitiu ver criatividade nos espaços onde muitxs só perceberam zumbis.

*Pedro Paulo Gomes Pereira*

Nova Iorque, novembro de 2015.